

Refazer-se em quarentena

Hoje sou metamorfose,
transmutando-me do fim para o
começo.

Antes borboleta,
agora sou casulo...
É preciso fiar a vida,
suavemente...

Ser seda...

Enquanto me refaço em asas,
muito lentamente,
repenso-me,
reinvento-me!

O tempo é de pouco ar,
curtos suspiros...

Silêncio.

Agora, o tempo é de espera...
Espero o dia de ser bicho de
novo!

Canto amores, crianças e flores
Lá fora?

Não sei!

Escuto entrelinhas,
suponho por contradições.

O que dizem aos incautos?

O que fazem os ferozes
engravatados,
em um tempo de valas/covas e
dores?

Agressões por decretos!

Violência à vida!

Encrudesci às dores do mundo?

Não! Apenas protejo-me.

Tenho pouco fôlego!

Estou quase crisálida!

Mas sonho:

Que não haja nefastos cavaleiros,
em noites cinzentas!

Que passem ao largo!

Não! Não anunciem,
por suas bocas tortas (cavaleiros
de gravatas),
nem lágrimas, nem mortes!

Ainda crisálida, me refaço,
com fios e fibras
teço, no pouco que me cabe,
a vida nova!

Hoje sou metamorfose,
transmutando-me do fim para o
começo!

O meu coração palpita!

E vibro!

Não acredito mais nos cálidos
dias de espera.

É preciso o grito!

É preciso o verbo!

Nascer (de novo) e voar!

Prof.ª Isabella Queiroz

21/04/2020